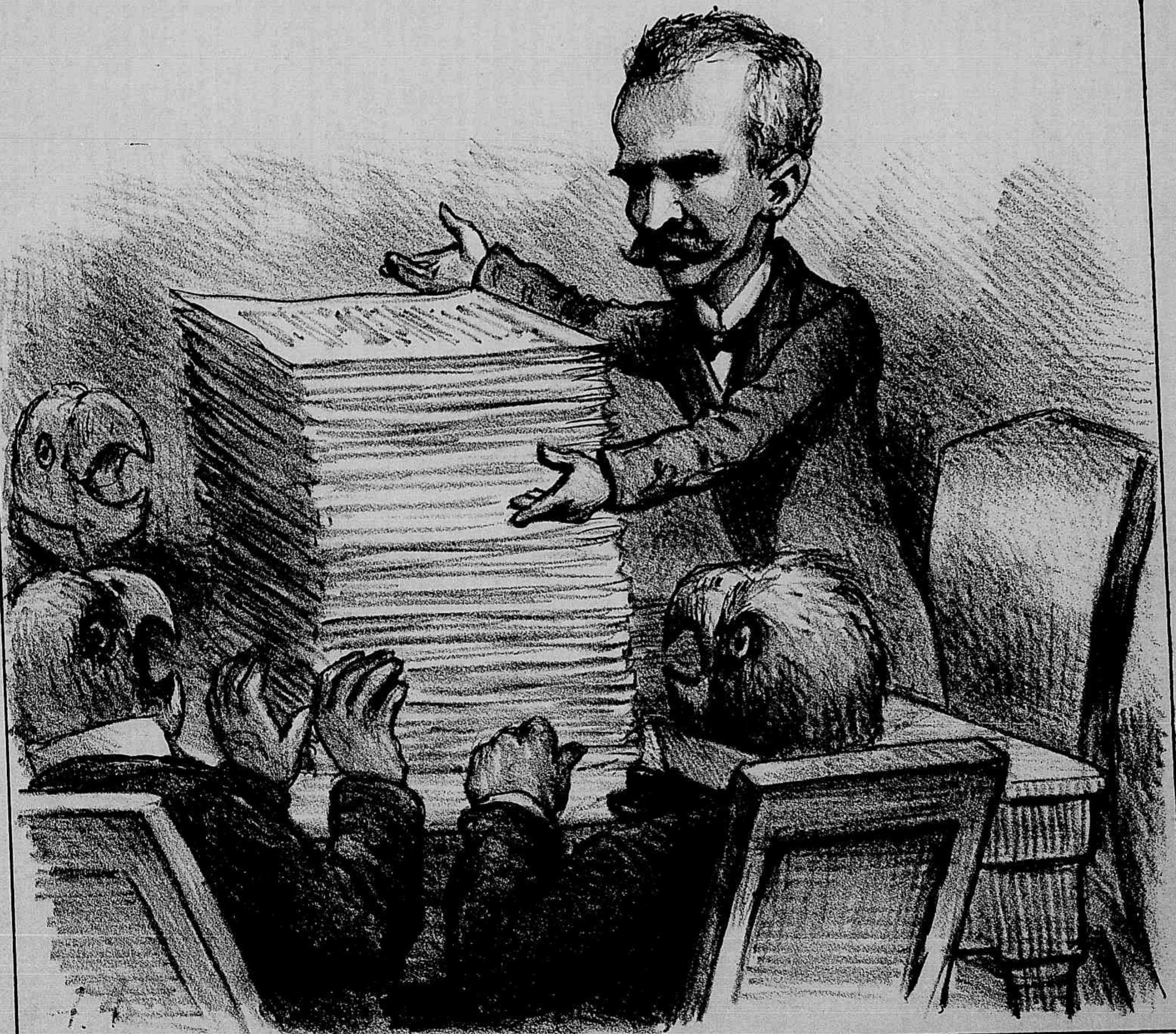


294  
Anno VIII Rio de Janeiro 30 Abril 1902 N° 152

# DN QUIXOTE

de Angelo Agostini  
Largo da Carioca N° 4 (cobrado)

BIBLIOTECA NACIONAL  
S.L.R.



Ruy Barboza. — Senhores, membros da comissão... Este código civil está cheio de erros de Grammatica! Tenho, alem disso, duas resmas de papel discutindo artigos que... Senadores. — Basta! basta! Nós, aqui, não somos mestre de escola, nem queremos saber de tanto papel... Somos Senadores, e contentamo-nos com isso. 2:250,000 por mês, não é barro!

# O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 30 de Abril 1902

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

## PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25000	Anno..... 30000
Semestre..... 14000	Semestre..... 16000
NUMERO AVULSO 1800	

## EXPEDIENTE

### AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, assim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

**Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importancias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.**

## 1º DE MAIO

De anno a anno mais se estende pelo Universo o culto pela data de 1º de Maio, a festa do trabalho, o dia santo dos que vivem curvados ao labor diario e agora na nossa adorada terra o povo operario já se vai unindo e juntando a sua voz moça, forte, entusiasta ao brado unisono do mundo inteiro.

Para nós 1º de Maio é uma verdadeira festa. No Brazil o grito dos operarios é um appello de reunião para o trabalho, para o dever, para o direito, mas nunca para o desespero. As vozes que nos chegam do velho mundo trazem muitos gemidos, muitos soluços, muitos extertores. Aqui, não,

felizmente. Todos os que na data proletaria, vão festejar o Trabalho, na terra de Santa Cruz, todos os que a celebram aqui, ou sejam filhos d'esta terra, ou sejam imigrados, que adoptaram a nova patria, todos vêm à rua com o estomago quente e o corpo confortado. A sua união parece uma familia e não exercito.

E' bom pensar nisto, é preciso pensar nisto. Convém que o operario brasileiro, convém que o exilado, a quem a hospitalidade brasileira consola e alenta, pensem em seus irmãos longíquos; e essa ideia venha alental-os no amor à patria, no amor a esta patria grande, forte, mui uberrima, cuja felicidade e futuro dependem em grande parte do seu affecto, da sua união e de seu trabalho.

## O ACRE

Por emquanto nenhum resultado definitivo, veiu terminar o gravissimo incidente, veiu resolver a perigosa situação em que a inconsciencia suicida e a perfidia inqualificavel da Bolivia, unida em alliance commercial-imperialista e vigarista com syndicato anglo-yankee, veiu collocar o Brazil, ameaçando a sua integridade e a de toda a America latina.

Por emquanto ainda não se obteve do governo de Washington uma censura clara e positiva ás gestões e interferencias inconvenientes de seu representante em La Paz, nem um acto de contricção da Bolivia, que num prurido de venda lançou mão do que lhe não pertencia definitivamente.

Mas da propria situação já surtiram efeitos e resultados, que, apezar de esperados pela logica, tem incalculavel importancia moral e material.

Quando, meses, atraç, a canhoneira *Wilmington*, da marinha de guerra dos Estados Unidos subiu o Amazonas, attentando contra os nossos incontestaveis direitos, a affronta só por nós foi sentida e a imprensa de Buenos Ayres, arrastada pela paixão filha de uma rivalidade de vizinhança, chegou a sustentar com aplausos a accão yankee, ridicularisando os nossos protestos.

Hoje, o caso tornou-se tão grave, de tal modo tornou clara a lealdade brasileira, os direitos da nossa soberania e o assalto a nossa integridade, que, isso fazendo re-

flectir e generalisar a situação, collocou ao nosso lado os proprios argentinos, que esquecendo rivalidades e amuos velhos, dão apoio decidido ás nossas queixas e lembram até—expontaneamente a necessidade da união sul-americana, de uma solidariedade forte entre as jovens republicas da America do Sul para opporem um dique insuperavel á onda de ambicões imperialistas, que vindos da Europa e do Norte, bate constantemente ás nossas costas em busca de uma entrada, de um protetox.

E tem mil vezes razão a imprensa argentina, comprehendendo que o Brazil, a Argentina e o Chile são as tres columnas ou garantias da integridade e inviolabilidade da America do Sul. A importancia da força e valor d'esses tres paizes livres e altivos, dá-lhes a honra da responsabilidade do continente. A doutrina de Monroe pôde ser tambem applicada ao continente sul especialmente, mas em vez da aguia yankee pairando vigilante a prevenir de todo este lado do Atlântico a qualquer invasão europea, é a sombra de tres povos fortes e livres que deve velar pela segurança e independéncia da America Latina contra qualquer invasão, venha ella do norte ou do oriente,

Se isso foi bem comprehendido pela Republica Argentina, se pela voz daquella illustrada imprensa falta todo o povo, se está bem penetrada a ideia da necessidade de união perfeita e clara, se pode ser isso um facto consumado, se já é um facto latente essa solidariedade de continente e de raça, então a questão do Acre já produziu ensinamentos preciosos, já deu fructo inextinguivel e accão leal, correcta e activa do Brazil, já lhe valeu recompensa infinita: o apoio e acordo de seus irmãos mais ligados.

\* \* \*  
Duas palavras ainda sobre o mesmo caso e estas aos muitos diplomatas improvisados que discutem a questão.

E' perfeitamente admissivel que se tenha vontade de accusar o governo. Achamos até esse procedimento rasoavel e esperado, quando o governo está a findar e já nada se pôde esperar d'ele; mas d'abi a accusal-o porque chove e faz sol, porque as semanas têm sete dias, o povo anda incomodado com brotoejas, ha um abysmo.

A proposito do caso do Acre, como a

propósito de tudo, tem aparecido acusações ao governo actual a quem querem responsabilisar pela situação.

Ora nesse caso poder-se-hia responsabilisar o governo pelo incendio da barca 3<sup>a</sup> ou pela guerra do Paraguay.

Pois se tudo é resultado ainda dos actos do ministerio Sinimbú em 1867 e mais especialmente do acordo assignado pelo Dr. Prudente de Moraes ! ...

Decididamente a noticia da questão do Acre deveria ir tambem para a secção dos disparates,

## TIRADENTES

Não ha nada como um dia depois do outro ? Ora, quem diria que o pobre José Joaquim da Silva Xavier alem de passar á historia com o cognome pouco brilhante — como de Tiradentes, alem de enforcado, esquartejado, salgado e infamado não veria o fim de suas torturas na forca.

Quem diria que a propria Republica que sonhou e por quem sofreu o martyrio, havia da vir obrigar-o no anno da Graça de 1902 a entrar para uma religião nova e transformar-se em membro de Club Carnavalesco.

Pobre Tiradentes! A municipalidade no seu prurido de vitaliciedade fel-o martyr vitalicio até depois de morto.

O pobre republicano foi martyrisado e infamado em vida, agora ridicularisam-no depois de morto arranjando-lhe uma espécie de culto muito semelhante ao de Mono.

E alem do comicó que lançaram assim sobre uma commovente figura da historia patria, alem do ridiculo d'esse prestito com andores e cartazes ócos, dos bonequinhos inconvenientes, dos quadros aleijadinhos, das folhagens á moda das inaugurações de casas de pastos, alem de todos esses attentados ao bom gosto e á sociedade, que depõem contra o cultivo artístico d'este povo, grita mais alto o attentado á liberdade popular e á Constituição da Republica que não reconhece religião alguma oficial.

Não tem desculpas semelhante excepção em favor de uma religião ou seita que pôde ser muito bonita mas constitue indubitablemente insignificante e intromettida minoria no Brazil.

E' fóra de questão que a pretendida

glorificação de Tiradentes não passou de uma ceremonia tão insossa quanto positivista na qual o povo não tomou absolutamente parte e só foi acompanhada, alem de pequeno grupo fanatico, por alguns personagens officiaes delegados pelo governo para este fim.

Porque permittir esse abuso ? E se o permitem porque não será permittido tambem celebrar o martyrio de Tiradentes com um *Te Deum Laudamus*, uma predica na igréja presbyterian, um sermão do padre Julio Maria, ou uma sessão no centro Spiritu, presidida por Tortorolli e com invocação a Benjamin Constant, Gambeta, Danton e Frei Caneca ?

Se uma seita tem o direito de se apropiar das datas nacionaes para achingal-as, o mesmo direito deve ser reconhecido a todas.

Já não basta o rotulo imposto a nossa bandeira, essa especie de sello monstruoso que symboliza a Republica ?

## DISPARATES

Chega pessoal ! Cá estamos nós !

Até agora todos julgavam que o Congresso existia para legislar.

Pois sim... Isso foi tempo. Agora os deputados e os Senadores tem mais que fazer. Haja visto o Sr. Barata que deu agora para Pedro o Eroemita, subiu-lhe a cabeça a fumaça dos bonds queimados e o homenzinho deu para sonhar revoluções, lutas, brigas heroicas, e como senador legislador julga muito mais facil fazer barulho do que fazer leis.

E é tudo muito natural. Entende elle que as cousas não vão direitas, outro qualquer desejando endireitar-as pensaria no Senado Federal, a mais alta instituição da Republica, para elaborar leis e acertar tudo. Mas o Sr. Barata não pensa assim e somos obrigados a aceitar a sua competencia.

Nós como parte intelligente do povo appellariamos para o senado, elle como parte integrante do Senado appella para o povo. Deve saber o que faz. Elle deve conhecer bem o Senado e se não o julga capaz de uma accão benefica, lá deve ter as suas razões.

Mas afinal é curioso ! Porque eviden-

temente o Sr. Barata não tem sangue Admiram-se. E' boa ! pois se não tem o seu proprio sangue não é de crer que tenha o de outrem.

E é evidente que elle não tem sangue de barata.

\*\*

No genero disparate ha mais. Ha mesmo muito.

Ha de mais. Esta secção recia diante da ideia de regstral-los todos.

Mesmo sem sahir do senado.

Ora digam lá. A Camera tem em discussão um projecto da reforma eleitoral. Ha um senador, que sobre esse assumpto tem ideias de assentadas, divergindo alguma cousa do deputado.

Era de esperar que S. Exc. fizesse o mesmo, isso é, esperasse pelo projecto da Camara para fazer-lhes as pequenas modificações que a sua mentalidade julga conveniente.

Isso faria qualquer de nós; mas os pais da patria não se confundem com o vulgo ignorante e vai o Sr. Gonçalves Chaves e apresenta outro projecto. De modo que o Congresso discute ao mesmo tempo dous projectos sobre a mesma materia.

E' commun dizer-se que *Quot abūdat non nocet*. Mas nessa casa a abundancia equivale a complicação.

\*\*

Outro projecto interessante é o que se refere ao Instituto Commercial. Ahi o caso é digno de luminaria.

Imaginem que essa instituição existia e da sua existencia havia dous resultados. Uma despesa e um serviço publico. Uma cousa compensava a outra, mas a municipalidade que anda cada vez mais na quebradeira entende que quem é pobre não tem luxo e portanto aprender não é cousa de primeira necessidade.

Suprimiu o Instituto.

Mas as leis municipaes são complicadissimas e nem o diabo as entende; o que se sabe é que todos os funcionários daquella repartição são invulneraveis, inamovíveis, eternos. Suprimido o Instituto ficarão de pé, inabalaveis os seus cargos e codos, com o titulo de addidor, continuam a vencer os ordenados como se estivessem funcionando.

Foi portanto suprimido o serviço publico, apenas a despesa ficou.

E' como se alguém querendo fazer



A' noite foram se deitar, contentes com o dia por terem salvado o indio.

Cham-Kam, menos fatigado, ficou tratando o fogo para evitar surpresas de onças, com pedaços de lenha, que puseram ao lado d'elle Inaya todavia pensava...



Cham-Kam, tambem por mais esforços que fizesse em seu espirito, apesar de reconhecido pelo que tinham feito por elle, não podia adafar os sentimentos de raiva, desgosto e ciúme que o irritavam.



Não podendo mais se conter armou-se com uma faca, que encontrara perto do fogo, ia a dar tremendo golpe... Inayá, conhecendo bem o seu íntimo, em lugar de dormir velava.



Vendo este se approximar, subitamente, levantou-se e pondo a mão diante d'elle disse baixinho: Tu és um miserável! tu queres matar-o!...



—Sim! Não posso viver d'este modo! Antes morresse de uma vez de que ver-te a ti pertencendo a outro.

—Mentes, disse Inayá e precipitou-se sobre elle. O indio recuou.



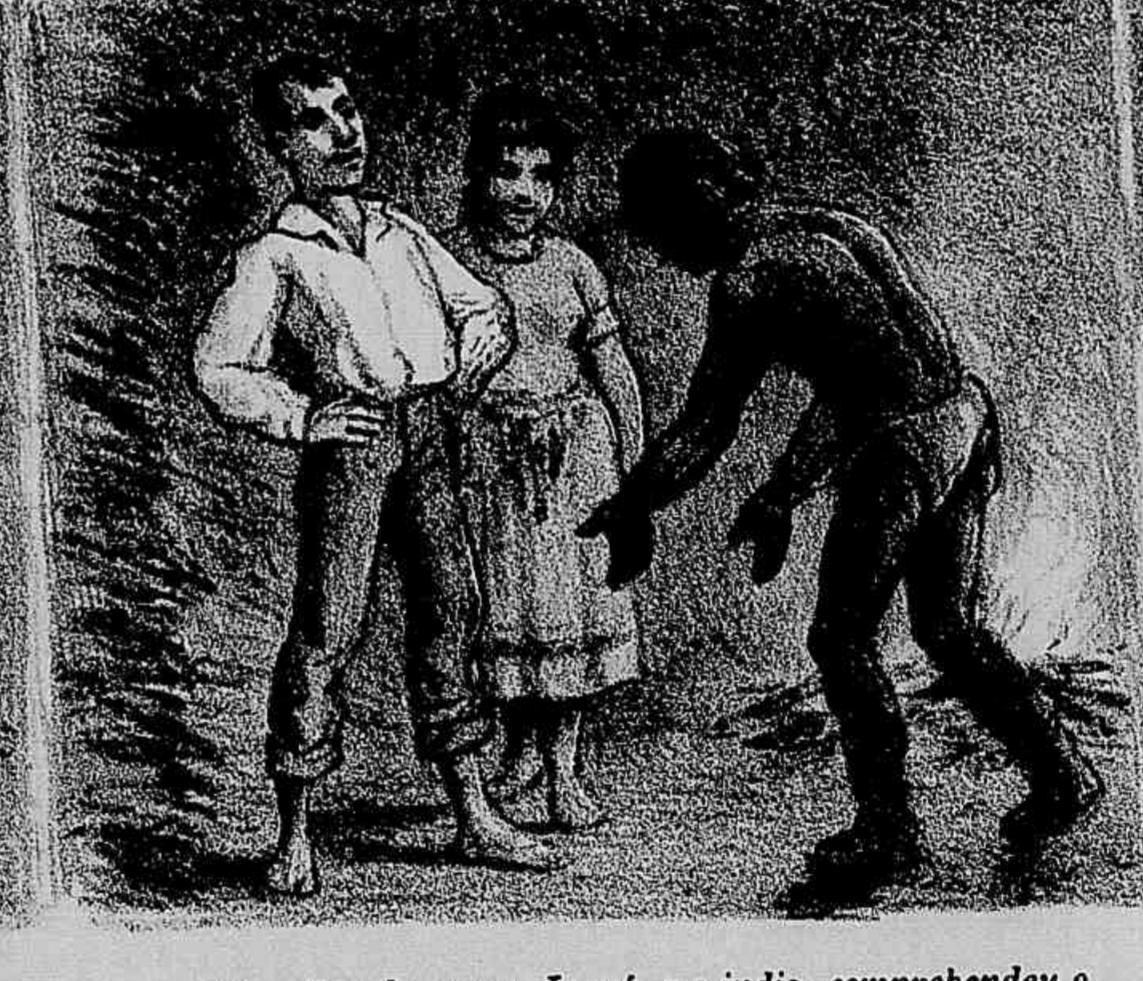
— Se fosse d'elle, eu t'o diria. Ignoras o que é sentimento humano! Salvei este, porque tinha jurado salvar o primeiro branco que me apparecesse. E' uma lição que devo aos colonos que me criaram.



Cham-Kam, vendo que Inayá não pertencia a ninguém, sentiu passar-lhe a raiva. Pensava que talvez Zé a considerasse como mulher... Inayá, para não perder o fogo, atícou-o.



— O que ha? perguntou Zé, que recordara! Nada, respondeu Inayá. O indio calou-se. Sentimentos de amoroso o impediam-no de se queixar.



Zé, olhando para Inayá e o indio, comprehendeu o que se passava.

— E' contra mim que te dirigias e querias matar-me.

— Senhor! vós sois forte e podeis fazer de mim o que quiserdes, retrorquiviu o indio.



— Eu te dou a mão, aperta-a como a de um amigo, que nada te pede senão ver-se livre destas matas onde se metteu. De ti e de Inayá tudo depende. Somos tres e tudo irá bem.— Eu o juro, disse o indio, comovido.



Dahi a tres dias, Cham-Kam já se achava melhor das feridas; durante esse tempo fez varias flexas que já lhe faltavam para si e para Inayá.



Esta, acompanhada do Zé, foi pescar, tão perto estavam do rio; em poucas horas trouxeram grande numero de peixes e um d'elles bem grande. A alegria foi geral.



Cham-Kam fez ver as flechas o arco que fizera, Zé lamentava-se de não ter ainda pocas balas para o revolver, e seus pobres pés, estavam em arranjos a força de andar descalços.



Almoçaram com bom apetite, comendo tudo porem sem sal.— E' questão de hábito, dizia o Zé rindo.



No meio do almoço um rumor suspeito interrompeu-lhes a alegria e o appetite. Lançando mão das armas, ergueram-se, promptos para qualquer surprezas.

(Continua)

economias deixasse de comer mas continuasse a pagar o hotel.

Não acham?...

ZÉ CABEÇA.

## A RETALHO

Agora exactamente que o caso do Acre deveria constituir para a America inteira um salutar e severo aviso contra a facilidade e imprevidencia das operações de creditos com praças de potencias estrangeiras da modo como penhor a integridade nacional, chega a noticia de um emprestimo contrahido nos Estados Unidos do Norte pelo Estado do Amazonas que traz de novo ao debate a questão da competencia dos Estados para fazerem operações de credito no estrangeiro, principalmente com garantias especiaes, que no caso de terem de se tornar effectivas hão de inevitavelmente arrastar a União a conflictos de caracter internacional.

O caso do Amazonas não é novo e antes delle alguns outros Estados têm feito operações com os mesmos ou semelhantes onus, e ainda não ha muitos mezes nós vimos as dificuldades com que o governo da União teve de luctar para que um credor estrangeiro não arrecadasse, como era seu direito, as rendas de um Estado que lhe era devedor.

Não é preciso gastar palavras para pôr em relevo o perigo de um tal systema de operações, em que fica em jogo a soberania nacional.

O que é preciso é pôr um cravo nesta roda de abusos, que os Estados se veem forçados a pôr em prática em vista de sua situação, cada vez mais precaria e mais melindrosa; mas por isso mesmo que é urgente e preciso adoptar uma providencia nesse sentido é que ninguem pensa em adoptal-a.

Este é o nosso vezo e o nosso feitio.

Vemos os abusos, reconhecemolos, censuramolos e todo o nosso esforço se limita a declamações sem nenhum effeito pratico, sem nenhum resultado benefico.

Por mais de uma vez o governo da União se tem visto embaraçado com negocios desta natureza. Mas que tem feito? Resolvidos os casos occurrentes *tant bien que mal*, cruza os braços, até que um novo negocio do mesmo genero, com as mesmas

dificuldades e com os mesmos perigos, venha de novo solicitar a sua attenção. E assim vamos, patinhando sempre no mesmo terreno, sem adiantarmos um passo no caminho da consolidação das instituições.

Dizem, principalmente os que acham desculpas para todas as inericias, que o caso é de difficil solução, pois que, perante a nossa Constituição, é duvidoso que, por lei ordinaria, se possam crear restricções aos Estados, quanto á garantia que elles oferecem para contrahir emprestimos no exterior.

Não entraremos na analyse dessa opinião e, admittindo mesmo que ella seja verdadeira, não vemos razão para que não se procure quanto antes evitar a propagação de um mal que todos accusam.

Hoje ha apenas dous ou tres Estados compromettidos nesse genero de operações. Amanhã haverá dez ou doze e nessa proporção terão augmentado as responsabilidades da União.

O remedio aconselhado por uma folha, e que consiste em declarar a União não ser responsavel por essas operações, foi pelo mesmo collega declarado platonico. E effectivamente o é, pois no caso de falta de cumprimento por parte do devedor, fatalmente a União teria de intervir para salvaguardar a soberania nacional, ferida pelo predominio de credores estrangeiros nas repartições arrecadadoras das rendas estadaoas.

O caso é tão grave que o remedio tem de ser prompto e energico e esse remedio não pôde ser outro senão limitar a competencia dos Estados, cuja autonomia não pôde ir, como está indo, ao ponto de comprometter a autonomia nacional.

Se a questão, por escrupulos constitucionaes, não pôde ser resolvida pelos processos ordinarios de legislar, que se resolva pelos meios extraordinarios que a propria Constituição faculta. Mas resolva-se e quanto antes, para não passarmos pela humilhação de vermos muito em breve hasteada em cada thesouro dos Estados a bandeira de cada uma das nações dos respectivos credores. E é para isso que estamos caminhando, porque ou a União ha de intervir e pagar para que tal facto se não dê, ou cruzará os braços, allegando que não é responsavel, e a humilhação se dará fatalmente.

## A TRIBUNA

No dia 24 do corrente completou mais um anno de existencia laboriosa a *Tribuna* o encantador jornal vespertino dirigido pela competencia d'esse extraordinario jornalista que é Alcindo Guanabara.

O anniversario da *Tribuna* é uma festa para todos que amam essa dolorosa e nobre profissão jornalistica. E' uma festa porque a *Tribuna* como forma, como literatura, como comprehensão da imprensa moderna, patriotismo e dignidade, é um modelo, um encanto, que tem um amigo affectuoso em cada leitor.

O *D. Quixote* apresenta a *Tribuna* as mais cordiaes saudações.

## NOTICIARIO

O Conselho Municipal aprovou uma lei prohibindo os longos comboios de trez e quatro carros estabelecidos pela companhia de Botafogo.

Falta agora a sancção do Prefeito e o prazo de 6 mezes concedido pela lei, para que comece a sua execução.

Dizem os entendidos que esse periodo é necessário porque, tendo a companhia vendido os seus animaes, não pode suspender immediatamente o uso dos comboios.

Isso provoca reflexão curiosa porque d'essa affirmação se deprehende que a companhia vai restabelecer a tracção animal, pois pelo número de carros que são hoje rebocados se pode calcular os que serão puxados a burro.

Nesse caso para que servirá a instalação electrica?

\* \* \*  
Falleceu no dia 26 o coronel Malyvino Reis, antigo commandante da guarda Nacional no passado regimem e um dos chefes do partido monarchista no Brazil.

\* \* \*  
Houve ha poucos dias no rua do Ouvidor uma scena violenta e barulhenta causada por um artigo do Sr. Arthur de Guaraná publicado no *Paiz* e contra o qual um grupo de estudantes protestou com manifestação, com gritos, insultos e tentativas de aggressão.

O caso prestava-se a muitos commen-

tarios que não faremos porque com o nome e pretexto de mocidade academica, são permitidos no Rio de Janeiro todas as violências e como não ha nesta terra policiamento que garante a livre expansão do pensamento, deixamos de comprir o nosso dever de jornalistas.

Que querem? As cousas são assim e não nos podemos arriscar a ouvir insultos de todas as espécies, e pôr em risco a nossa vida.

E, procedendo assim, acompanhamos o exemplo de todos os outros jornaes.

\* \* \*

O velho orgão anda numa ponta alta fantastica, benza-o Deus.

Deitou lições de prosodia e obteve que os artistas da companhia Dias Braga pronunciassem *como Deus manda* quasi todas as palavras que eram assassinadas no *Quo Vadis*, fallou dos estragos causados as arvores pelos telegraphos e telephones e logo foram dadas providencias, bradou contra o estado de abandono do canal do Mangue e os poderes competentes, que haviam sido surdos aos brados dos outros jornaes, fizeram-lhe a vontade; condemnou o calçamento da Rua do Ouvidor e já se está fazendo calçamento novo.

E agora obteve uma victoria mais significativa:

E' sabido que nesta cidade quando a Prefeitura se mette a fazer um melhoramento, quasi sempre ficam as cousas piores do que estavam; com o calçamento da rua do Ouvidor já se ia dando o mesmo. Estavam fazendo um passeio de meio metro de largura. Aquillo era symbolico. O governo municipal, que cada vez mais desgraça a cidade dos Sá, preve que com a continuação de sua administração assoladora os cariocas serão em breve todos esqueleticos. Ora numa cidade em que não ha pessoas gordas não são necessarios passeios de mais de meio metro de largura. Mas o journal não quiz saber de symbolismo e poz a bocca no mundo.

Foi um quadro de magicas: Um... dous... tres... pam! Alargaram-se os passeios.

Não ha duvida, na farça municipal o *Jornal do Commercio* está fazendo o papel de genio bom! Obtem tudo quanto quer.

Valha-nos isso e não se esqueça o collega de nos contemplar com a sua protecção.

\* \* \*

Ruiu um predio na rua da Uruguayanha e por um acaso não morreu ninguem.

A culpa, valha a verdade, não foi da Municipalidade, que se perdeu essa occasião de commetter um assassinato, não foi porque com a sua criminosa incuria, com o seu desleixo inqualificavel, não tinha tudo preparado para isso.

Ainda desta vez veiu abaixo um predio e não ha morte a lamentar.

Embora, O Sr. Prefeito não perde a esperança, continuam por ahi ás duzias edificios que se sustentam por um milagre de equilibrio, que não cahem porque Deus não quer e constituem verdadeiras ratoeiras para os incautos e pavoroso perigo para os transeuntes das ruas.

## THEATROS

\* \* \*

O emprezario Dias Braga, prudente e habil retirou da scena o legendario *Quo Vadis*? em pleno exito sem exgotar-lhe a renda. O que quer dizer que dentro em pouco teremos nova serie de representações.

Suspendeu pois as recitas da peça neoroermiana e deu-nos a peça de Suddnam A *Honra* traduzida pelo Sr. Dr. Cunha e Costa com habilidade, o que o não impediu, ainda d'esta vez, de se tornar notavel pela mania de introduzir na prosa portugueza expressões e locuções francesas, a torto e a direito num prurido de gallicismo inexplicavel, que seria comicó se não fosse irritante.

E' um caso semelhante ao do outro que cantava de gallo.

Mas aparte essa verdadeira desgraça que já me vae parecendo incuravel, a peça, que conheciamos em italiano com entusiasta admiração, fez muito boa figura em portuguez e agradou tambem pelo desempenho, que, para honra da companhia Dias Braga, foi muito regular em geral e excelente em alguns particulares.

Dias Braga encontrando um papel que lhe vai como uma luva alcançou exito sem esforço, provando mais uma vez que o seu merito tem resistido ao indigesto repertorio que o sustenta com a longa predica do primeiro acto que não foi longa nem teve ares de predica dita com a sua habilidade e effeito.

Eduardo Vieira tambem deu na *Honra* mais uma prova do seu robusto talento,

Eugenio de Magalhães tem excellente trabalho em toda a parte do papel de *Roberto* que requer sentimento, delicadeza e intensidade dramatica. Um pouco incerto no papel não tirou (na primeira noite) todo o effeito desejado das scenas violentas, Mas é indiscutivelmente um artista d'alma com vibrantes recursos. Ferreira de Souza, esse, cada vez se torna mais perfeito, as suas creações são irreprehensíveis, de um apuro e verdade nos menores detalhes que muito o honram.

A Sra. Lucilia é ainda desconcertante pelo seu conjunto de qualidades, talento impulsivo e defeitos clamorosos.

A Sra. Delorme, tambem muito desigual, parece ter perdido o habito de estudar os papeis que lhe são confiados.

Notemos ainda a enscenação que é magnifica.

Desde já prepara a companhia Dias Braga, para substituir a *Honra*, uma comedia de Labiche traduzida com o titulo *O mais feliz dos tres*.

\* \* \*

Está finalmente na terra a companhia Tomba que estreou brilhantemente com *I Granatieri* deu-nos mais *Mam'zelle Nitouche*, *Traviata*, etc. e parece deve fazer excellente temporada. Como companhia de opereta tem as tres grandes qualidades que por si só justificam o exito: excellente 1ª dama, excellente orchestra e excellentes còros. Isso sem fallar no muito applaudido galão comicó, na plastica da parte feminina em geral e outros poderosos elem entos de exito.

\* \* \*

A companhia Silva Pinto foi a unica que não ofereceu subsidio para a chronica da quinzena.

*Tim Tim*, *Amor Molhado*, *Capital Federal* e *Periquito* não constituem positivamente novedades.

O caso do *Caso Colonial* resolveu-se afinal do unico modo possivel. O emprezario voltou atraz, retirou a sua collaboração do titulo. Foi anunciada a estréa mas não se realizou.

Curiosa coincidencia. O que se realizou foi uma transferencia que não fora anunciada.

E advinhem lá quando teremos finalmente a peça de Gomes Cardim!...

O Sr. Prefeito e a Ex<sup>a</sup> Sra \* \* \*



Sra. \* \* \* - Mas estas ruas são impossíveis! Andar d'este modo, em passeios tão estreitos...

Sr. Prefeito. - É o que temos feito de melhor nas calçadas. Se não fosse a barbaridade do Jornal, estaria d'este modo a rua do Ouvidor, que renovamos.